

Crianças

J. Roberto Whitaker Penteadó

A criança é pai do homem.- William Wordsworth

Em meio aos muitos – excessivos – comerciais de TV, geralmente atrozés, que recorrem ao uso de modelos e atores infantis para vender os seus peixes, responsabilidade social, serviços bancárias, som, automóveis, etc. ouvi este spot do Banco do Brasil em que um garoto e uma menina conversam sobre “o que vão ser quando crescer”. Eu vou ser bailarina, diz a constrangida menina. Eu vou ser cientista, diz o ardido menino. O terceiro balbucia: quando eu crescer, quando eu crescer... sem saber como terminar.

Além de ser má propaganda – como a quase totalidade dos anúncios que se utilizam desses monstros fabricados nas agências - trata-se de uma situação inteiramente falsa. A não ser na cabeça dos adultos que criam essas coisas, nenhuma criança – nessa fase de infância escolar – está minimamente preocupada com “o que vai ser quando crescer”. É tão pouco natural e incôgruo quanto seria, para V. e eu, caro leitor, ficar elocubrando sobre “o que eu vou ser (ou fazer) quando ficar velho”. Pode checar: crianças só pensam no futuro adulto quando provocadas, pelos pais, parentes ou professores. Trata-se de uma situação estressante – e potencialmente perigosa para o equilíbrio mental.

Embora sejam pouco ouvidos, os especialistas em psicopedagogia não cansam de repetir que crianças não são pequenos adultos. Crianças são crianças – se é para definir: são seres humanos que chegaram há pouco e estão traçando a sua trajetória no mundo.

Como o mundo é dominado por adultos – e vou até mais longe: por adultos brancos, na faixa de 40 a 60 anos, de origem européia, sexo masculino e religiões judaico cristãs – as crianças fazem parte da enorme gama de minorias que são incompreendidas, dominadas e discriminadas - como as mulheres, em geral, os negros, marrons, amarelos, muçulmanos, praticantes de religiões de origem africana, os jovens de 15 a 10 anos, ou de 20 a 25, os idosos de mais de 60 anos, etc. etc. A relação pode-se estender quase infinitamente.

A discriminação contra as crianças é especialmente insidiosa, contudo, porque elas são pequenas e fracas e não dispõem, ainda, do conhecimento necessário para analisar a própria situação, ou organizarem-se.

Em toda a minha experiência de vida, encontrei apenas uma pessoa realmente capaz de entender a mente de uma criança e de colocar-se em seu lugar: Monteiro Lobato, o escritor. Intuitivo, pois – como a maior parte dos seus contemporâneos – passou ao largo da nascente ciência da psicologia, Lobato era capaz de “conversar”, através do texto, com as crianças com absoluta honestidade e seriedade, pondo-se no lugar delas. Acho que - se a humanidade sobreviver a todas as besteiras praticadas pelos adultos - um dia vamos prestar homenagem a este grande compatriota principalmente por esta sua capacidade, quase mágica.

Mas – enquanto esse dia não chega – devemos refletir mais sobre a importância de ser criança, de entender-se criança, de modo a que a “paternidade” (a que alude a citação acima) se processe com menos traumas – e tragédias.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=90&ID=430>>.
Acesso em: 30 jul. 2009.